

Manuel de Seabra
Arnaldo Saraiva
Ana Merino
Maria Victoria Navas
Luis María Marina
Rui Miguel Ribeiro



Manuel de Freitas
Pablo Fidalgo
Sebastià Bennasar
Vasco Rosa
Xavier Farré



Àlex Susanna
Enrique Andrés Ruiz
Jaime Rocha
Carlos Quiroga
Chechu García
Rui Pires Cabral

Miguel Real
José Luis García Martín
Xabier Cordal
Paulo José Miranda
Ana Maria Freitas
Sandra Santana



Tomás Sánchez Santiago
Amadeu Baptista
Julián Rodríguez
Luís Carmelo
Carmen Mejía Ruiz
Inês Dias



José Ángel Cilleruelo
Almeida Faria
Luis Manuel Gaspar
Júlio Conrado
Juan M. Ribera Llopis
Helder Moura Pereira



Camões e a viagem iniciática

HELDER MACEDO

Lisboa, Abyssmo, 2013.

Acaba Helder Macedo de reeditar livro seu, *Camões e a Viagem Iniciática* (1980), onde em duas partes, uma dedicada à lírica e outra à épica, a primeira resultante dum estudo de 1976 vindo a lume em Inglaterra e a segunda fruto de dois estudos posteriores, recolheu o trabalho, ou ao menos o que nele lhe surgia como mais representativo, até então consagrado à leitura da obra de Camões. A reedição traz uma nova secção, uma abordagem das cartas do épico, resultado de intervenção mais recente. O novo livro complementa-se com uma chamada de atenção para o incisivo exercício de leitura que Macedo fez da mais importante empresa camoniana dos últimos 25 anos, o *Dicionário de Luís de Camões* (2011; org. Vítor Aguiar e Silva), dado na revista *Colóquio-Letras* (n.º 182, Janeiro/Março, 2013) e que não desmerece ser incluído em reedição futura desta colectânea.

Das três partes que hoje fazem o livro, não hesitamos em escolher como a mais relevante, a boa distância das duas restantes, a segunda, devotada à leitura d' *Os Lusíadas*. Julgar que a escolha pouco representa é erro, pois reputamos o estudo de Macedo, não obstante a curta extensão, como um dos melhores de sempre. É trabalho denso, compacto, fruto duma vasta anotação anterior, além duma genealogia informativa que remonta a Faria e Sousa. Tem um ponto de partida invulgar mas nada desprezível: a viagem, fio das intenções do poema, é iniciática; logo o discurso tem segundas intenções e o poema uma natureza simbólica. Com tal ponto de arranque, que se institui como a pedra de toque da resistência geral do estudo, ou dos diversos ensaios que nele coexistem, pode Macedo partir para uma hermenêutica de excelente envergadura que toca com fluente e sereno à-vontade nos mais enovelados e embaraçosos episódios e nas mais espessas figuras da intriga (o lugar do Gama, a identidade do Adamastor, o papel de Vénus, o significado de Baco, o valor da Ilha do Amor). É a forma inteligente e inovadora com que trabalha estes pontos que legitima o cimeiro lugar que acima lhe indicámos e reservámos.

Para compreender o sentido iniciático do poema parece-nos de grande relevo a sugestão, sustentada pelas abundantes intervenções pessoais do narrador, de que a aventura do poema é mais pertinente do que a da viagem. O poeta substitui-se assim ao Gama. Sem poema não há expressão e sem expressão não há sentido *iniciático* para a viagem; o sentido iniciático da viagem supõe pois o do poema. O verdadeiro centro regenerador

de todo o sentido textual e humano, a Ilha divina, só existe por causa do poema. É por tal curso, e não pelo suporte da historiografia do tempo, João de Barros incluído, que se entende em Camões a valorização da História, ou do sentido messiânico e escatológico desta, que o levou a inscrever o poema dentro do género épico e a escolher para centro dele a *Ilha angélica e pintada*. Certeira pois a observação do autor sobre a influência *joaquimista* em Camões (p.71), que cruza observação sua anterior sobre a correspondência entre milenarismo historicista e cabalismo messiânico em Bernardim Ribeiro e no Renascimento hispânico (v. *Do Significado Oculto da Menina e Moça*). A aproximação merecia porém novo e mais amplo excuro a propósito da situação religiosa do épico; classificá-lo como *crístico e humanista de vanguarda* (p. 98), categorias que cerzem ainda a costura do primeiro estudo dedicado ao lírico, parece pouco. Se há *verdades ficticiamente representadas*, se realidade há no poema que apele ao disfarce da fábula, a religião é decerto, no quadro histórico-cultural do século XVI peninsular, a primeira delas. Reside aí porventura o núcleo mais velado, mas também mais decisivo, do poema, aquele sem o qual nunca será possível nele explorar qualquer sentido *iniciático*.

Não esquecemos que foi Helder Macedo, autor do mais admirável estudo sobre Bernardim, que citou, a propósito da abertura de *Menina e Moça*, o *Hino da Peróla*. Trata-se de passo do evangelho apócrifo de Tomé, texto seminal da religião fundada por Mani na Pérsia, século III, base dos dualismos gnósticos ulteriores e que tocou franjas importantes da cultura hispânica, a começar por Prisciliano, logo no século IV, que se tornou substrato obrigatório de muitas heterodoxias peninsulares ulteriores, e não apenas cristãs. Ora ao apóstolo do Indo dedicou Camões trecho de 12 oitavas no Canto X, que fecha com o solto, *mas deixemos esta matéria perigosa*. Se falha apontamos ao estudo de Macedo é a de não tomar em mãos o passo, tirando dele as conclusões que se impõem, alargando-as ao lírico. Comprovam elas afinal uma velha intuição do autor – a *Menina e Moça* não é anomalia, nem excepção, mas elo fecundo duma tradição contínua. Dos vivos, depois da partida de Fiana e de António Telmo, ninguém como Helder Macedo está habilitado a mostrar-nos como Camões, que citou Bernardim, é um dos altos picos deste contínuo cultural.